

Sumário

I. Em busca de uma linguagem	8
II. Ouvindo as Deusas	13
Afrodite, a Senhora do Amor e da Beleza	14
Ártemis, a Uma-em-Si	18
Athená, a sabedoria perdida	21
Hécate, a Senhora dos Portais	23
Héstia, a busca de nosso centro	25
Iansã, a ação no mundo	27
Icamiabás, a irmandade feminina	32
Iemanjá, a busca da maternagem sábia	37
Inana e Ereshkigal, uma iniciação feminina	41
Kali, aprendendo a pôr fim	46
Mulher Búfalo Branco, a busca da visão da alma	50
Mulher Pensadora, as crenças criadoras de mundos	55
Nanã, a Senhora dos Primórdios	60
Nu Wa, as polaridades que geram vida	63
Oxum, a doce guerreira	68
Perséfone, os ciclos de morte e renascimento	72
Sekhmet, a guardiã dos limites	75
Tara, as virtudes perdidas	79
Uzume, riso que cura	83
Yebá Beló, a imaginação criadora	87
III. Aprendendo com a Lua: a Deusa Tríplice	91
IV. O Sagrado no cotidiano	94
V. Algumas palavras finais	97
Referências bibliográficas	99

I. Em busca de uma linguagem

A cultura em que a humanidade vive há mais de cinco milênios pode ser definida como patriarcal: uma cultura, entre outras coisas, hierárquica, que valoriza o princípio da força, do domínio e do que se pode chamar de Princípio Masculino. O patriarcado, porém, não é “coisa” de homem: é uma forma de organização social baseada no poder, seja militar, político, econômico e/ou social, que origina relações desiguais e excludentes.

Apesar de também ter prejudicado muito os homens, tem sido especialmente danoso às mulheres, tendo, na maior parte do tempo, subjugado-as, tirando tanto seu poder real quanto simbólico. Para além das limitações impostas aos direitos básicos políticos e sociais das mulheres, o patriarcado nos fere ao atribuir menor valor e importância a tudo que possa ser visto como feminino.

Desde o começo do século 20, no entanto, as transformações políticas, econômicas, sociais e tecnológicas pelas quais o mundo tem passado, especialmente no Ocidente, vêm alterando profundamente essa cultura.

Aliado a isso e também como fruto dessas transformações, o movimento feminista (e outros movimentos libertários) vêm bombardeando essas práticas de submissão feminina – e de outras minorias – em termos políticos, culturais e nas relações cotidianas entre homens e mulheres. Tudo vem sendo remexido, questionado!

Mesmo assim, esses milênios de dominação ainda nos cobram um preço bem alto: eles ocultaram, distorceram e desonraram o Princípio Feminino. Nós, mulheres contemporâneas nascidas nessa cultura (que apenas engatinha para se modificar), não sabemos direito o que é ser uma mulher que não seja a definida pelo patriarcado. Para ele, sempre fomos o segundo sexo, aquele visto a partir do

primeiro, o masculino, e, claro, definido em função dele, e não como algo em si. Como cita a analista junguiana Marion Woodman, no livro *A feminilidade consciente*: “Enquanto a mulher aceitar a projeção arquetípica do homem, estará aprisionada na compreensão masculina da realidade”.

Precisamos juntas buscar saber o que é ser mulher, independentemente do que é ser homem. Não é uma tarefa fácil, pois há camadas e camadas de cultura e história encobrendo essa identidade. Precisamos agir como exploradoras de um território bastante desconhecido.

Um dos principais modos de acessar em nós mesmas essa identidade mais autêntica do que é ser mulher sem um contraponto ao que é ser homem é mergulhar no Feminino Profundo, que vive em nosso inconsciente e que se manifesta nos sonhos, nos mitos, nos contos de fadas, na arte, nas Deusas.

Falar das Deusas é uma nova maneira de as mulheres falarem de si mesmas e de novas possibilidades de ser. E, como é uma linguagem simbólica – a linguagem da psique humana –, é um alimento para nossa alma. Aqui, alma não tem nada que ver com a definição cristã do termo; refere-se, no caso, àquela nossa parte interna que ressoa e que nos faz sentir plenas, como se estivéssemos verdadeiramente em contato com nossa essência. Quando nossa alma está presente, temos a sensação de “estar em casa”.

Joseph Campbell, o grande estudioso de mitologia comparada, diz em seus livros que todos os deuses são “máscaras de Deus”. Da mesma forma, todas as Deusas são “máscaras da Deusa”, são as roupagens com as quais os diferentes povos e suas tradições revestem o Sagrado. Sendo assim, todas as Deusas, não importando sua origem, “carregam” e nos trazem aspectos do Feminino Sagrado e de seus Mistérios. E não me refiro a religião, falo de transcendência e da experiência pessoal com o aspecto numinoso, espiritual da vida.

Todas as Deusas são também, ao mesmo tempo, metáforas dos processos psicológicos humanos, são arquétipos, e como tal simbolizam aspectos que existem em potencial em todas as mulheres, os já vividos e os ainda não.

Dessa maneira, elas podem ser “portais” de acesso a esse Feminino Profundo, que subjaz ainda de forma meio inconsciente nas

mulheres contemporâneas. Acessar as Deusas é acessar em nós possibilidades ainda não plenamente vividas do ser mulher.

Como nos fala Karen Armstrong, em seu livro *Breve história do mito*, “Entendida corretamente, a mitologia nos põe na atitude espiritual ou psicológica correta para a ação adequada, neste mundo ou no outro”.

Este, portanto, é o foco deste livro: as Deusas de diferentes tradições, seus mitos e os “ensinamentos” que elas podem trazer para nós, mulheres de hoje.

Obviamente as mitologias são riquíssimas em relatos, pois as tradições cobrem extensos períodos de tempo e se influenciam mutuamente quando um povo entra em contato com outro. Às vezes temos, como na tradição greco-romana, períodos que cobrem quase 3 mil anos de história ou, como na tradição afro-brasileira, o sincretismo que envolveu as inúmeras mitologias africanas de diferentes povos, bem como o catolicismo e as tradições indígenas, que se mesclaram nas senzalas brasileiras durante a escravidão. Além de tudo, como são baseadas em relatos orais, as mitologias vêm sendo reinventadas em múltiplas versões. Isso faz com que existam incontáveis mitos sobre a mesma Deusa, que muitas vezes até chegam a parecer contraditórios. E, com exceção das tradições monoteístas, em que Deus é único, quase sempre do gênero masculino e normalmente dotado apenas de aspectos luminosos, nas outras tradições há inúmeros Deuses e Deusas que incluem tanto aspectos luminosos como sombrios.

É bom então ressaltar que, para o fim a que me proponho, utilizei recortes dos mitos – alguns mais completos, outros mais fragmentados, mas escolhidos por mim de forma absolutamente pessoal e todos contados em minha própria linguagem. São escolhas tão pessoais quanto pessoal é minha visão de cada uma das Deusas, que transformei nas ilustrações deste livro. Outra escolha puramente pessoal foi o aspecto/característica da Deusa ou de seu mito em que me concentrei. Também busquei enfatizar mais o aspecto luminoso da Deusa escolhida do que seu aspecto sombrio, apesar de não negá-lo.

É importante salientar, além disso, que todo mito e todo símbolo se presta a diversas interpretações, quase todas válidas, e é por isso

que eles são tão ricos e vivos! Desse modo, as narrativas presentes neste livro podem ter muitas outras leituras, algumas até mais críticas, negativas ou opostas às que ofereço. Assim, reforço que o que apresento aqui é somente uma de muitas visões possíveis: a minha, que é resultado da minha experiência de vida como mulher e terapeuta, das minhas leituras e estudos, das minhas reflexões e da minha visão de mundo.

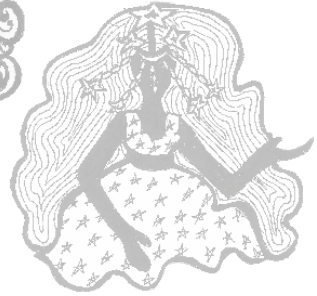
Ao mesmo tempo, as interpretações para as diferentes Deusas são também fruto da troca intensa e profunda com minha amiga e parceira de trabalho Cassia Simone e de nossa experiência coordenando juntas uma série de círculos de mulheres: carregam muitas vozes e almas femininas. Mas o que está escrito, é de minha única e exclusiva responsabilidade.

Outra coisa que gostaria de esclarecer é que neste livro falo algumas vezes da relação das mulheres com os homens, mas todo “ensinamento” que as Deusas trazem vale também para as mulheres em relações homoafetivas, pois a cultura patriarcal influencia a todas, independentemente de nossa orientação afetiva e sexual. Além do mais, o principal foco deste livro é nossa relação conosco mesmas, são nossas atitudes e crenças diante da vida, muito mais do que com o masculino.

Resumindo o que você vai encontrar neste livro: uma Deusa, uma ilustração, um pequeno recorte de um de seus mitos e/ou de suas lendas e de seus símbolos e algumas das lições que elas podem nos trazer; as contribuições que podem nos dar para termos uma visão mais rica e profunda de nós mesmas.

São gregas, afro-brasileiras, originárias de povos indígenas, egípcias, hindus, chinesas e de outras origens. Não busco uma tipologia, algo como “sou mais Afrodite” ou “mais Athená”, “mais Oxum” ou “mais Iansã”. Não. Todas são possibilidades para todas as mulheres, todas existem como potencial de expressão do Feminino.

Que elas possam ampliar, enriquecer e aprofundar a definição do que é ser mulher hoje e no futuro!



II. Ouvindo as Deusas



Afrodite

A Senhora do Amor e da Beleza

tradição greco-romana

Seu mito

Urano, o Céu, deitava-se sempre sobre Gaia, a Terra, gerando muitos filhos. Temendo, porém, que os filhos o destronassem, mantinha-os presos na barriga da mãe. Exausta e sofrendo dores insuportáveis, Gaia consegue enganar Urano, liberta seu filho Cronos e o instiga a castrar e depois matar o próprio pai. Cronos faz isso e joga o pênis de Urano no mar. Dele pinga sêmen, que fecunda as ondas do oceano, e delas nasce, numa concha, Afrodite, nua, adulta e belíssima.

Uma suave brisa a conduz até a ilha de Chipre, onde caminha do mar para a praia. Chipre passa a ser sua morada. Lá é vestida com trajes celestiais e adornada pelas três Graças: Aglaya – o esplendor e a beleza, Eufrosine – aquela que alegra o coração e Talía – aquela que faz florescer. Elas passam, então, a acompanhá-la. Todos a reconhecem como a mais bela de todas as Deusas gregas. Em Roma, onde é conhecida como Vênus, também é considerada a mais bela.



Emitte uma luz brilhante por onde passa. Foi associada ao ouro – tanto que é chamada de a Deusa Dourada ou Áurea, como

símbolo da perfeição e da radiância. É também ligada às pérolas, às flores, especialmente as rosas, às frutas doces, ao mel, aos aromas suaves, às pombas brancas e aos cisnes.

Ela ama o riso e a alegria e cultua a beleza, mas não a mesma beleza cultuada pelo Deus Apolo. A beleza apolínea é uma beleza imperecível e universal, que se exprime naquilo que é duradouro, como o mármore dos templos e das esculturas, nas regras e formas para a poesia ou até o planejamento urbano das cidades.

Já Afrodite cultiva a beleza daquilo que é efêmero, que não dura, a beleza do momento, como a das flores, das roupas e adornos bonitos, de uma mesa bem posta, de enfeites para a casa, de um encontro profundo e intenso, mesmo que passageiro. É a beleza para ser desfrutada aqui e agora, para refletir o divino no cotidiano. É uma beleza mais múltipla, vívida, pessoal. Sem Afrodite a vida não tem graça!

Afrodite amou muito e foi muito amada, tanto por mortais quanto por Deuses, mas nunca pertenceu a nenhum deles. É casada com Hefesto, Deus das Forjas, mas também nunca foi fiel a ele. Na verdade, só é fiel à sua própria essência, que é cultivar o amor e nunca a exclusividade. O que busca é a fruição da vida. Nada lhe dá maior prazer do que a gratificação dos sentidos através da beleza e da troca amorosa/erótica com o outro.

Tem uma qualidade alquímica; ela tem preferência pelo par e pelos dualismos: macho/fêmea, natureza/cultura, corpo/alma, céu/mar, homem/mulher – só que não a partir de sua divisão ou separação, mas sim de seu encontro, que transforma os dois pares opostos gerando um terceiro. Não é à toa que o alvorecer e o ocaso são suas horas preferidas, momentos em que o dia e a noite se misturam. Seu poder sedutor, irresistível, resulta da atração magnética e do desejo de união acima de tudo, seja ela física ou não.

O que Afrodite pode nos ensinar

A primeira lição que Afrodite nos oferece é a importância da beleza. Em nossa vida atual, tão atribulada, tendemos a achar perda de tempo e inutilidade prestar atenção aos detalhes que podem trazer “boniteza” à

nossa vida e não temos olhos para apreciação do belo. Muitas vezes até nos esquecemos disso e não percebemos como a feiura entristece a alma.

É a beleza, que pode estar presente nos pequenos detalhes do cotidiano, o que traz graça à vida. As cores, os aromas, as formas belas daquilo que nos cerca, a música e a arte podem alimentar nossa alma. Rodear-nos de coisas bonitas na nossa casa, no nosso ambiente de trabalho, na comida, nas roupas, nos detalhes da decoração, no dia a dia, onde for possível, nos ajuda a viver de uma forma mais alegre e prazerosa. E não tem nada que ver com aquisição de coisas caras, é simplesmente colocar atenção e permitir-se a fruição daquilo que é bonito.

Outra questão para a qual Afrodite nos chama a atenção é a forma como lidamos com a beleza feminina e com os nossos corpos hoje. Vivemos em uma cultura, especialmente em nosso país, na qual o corpo da mulher é visto como objeto e um objeto que lhe confere um valor.

Quanto mais seu corpo se aproximar de um dos modelos ideais – de um lado um corpo adolescente, magérrimo e meio andrógino; ou de outro, um corpo “sarado, bombado, marombado”, cheio de músculos – mais a mulher “vale” sob o ponto de vista mercantil. Como se a beleza plastificada, rotulada como desejável, fosse moeda de troca. Para alcançar isso qualquer sacrifício deve ser feito, por mais absurdo que seja. É preciso “domar”, consertar, subjugar o corpo para que ele se torne perfeito, encaixado no modelo.

Isso é negar completamente Afrodite! A beleza que a Deusa ama é como a das flores, todas totalmente diferentes entre si e cada uma bela a sua maneira. E belas porque vivas.

Se pensarmos na nossa beleza dessa forma, vamos aceitar nosso corpo, cuidando dele, claro, mas sem querer transformá-lo em outro corpo. Descobrir que ele é primeiramente uma fonte de prazer que nos permite viver de forma sensual e “encarnada”. E que podemos aceitar a passagem do tempo e aprender a descobrir novas maneiras de saborear a vida por meio dos sentidos.

É um se gostar e se achar bonita porque se é única e se ama estar viva. Essa beleza tem uma dimensão magnética, porque é plena de força vital.

A última lição dessa Deusa para nós é o amor. Amor que não é sedução, não é exercer poder sobre o outro, não é controle e posse, não é carência afetiva, não é desejo de ser cuidada pelo outro como uma criança,

não é dependência emocional ou qualquer outra, não é obsessão, não é promessa de eternidade, não é casamento, necessariamente. Tudo isso muitas vezes é confundido com amor, mas amor é muito diferente.

Amor, como Afrodite nos ensina, é a experiência interna de uma forte conexão emocional com um outro, que nos inunda e nos dá prazer sentir. A experiência de sentir esse amor apaixonado por outro ser humano pode ampliar nosso autoconhecimento ao despertar em nós emoções e sentimentos novos. Nos tornamos “maiores” a partir de uma experiência como essa. Uma relação é de fato amorosa, dentro da ótica da Deusa, quando ela nos transforma pela química do encontro, mesmo que ele seja breve.

É preciso abertura, maturidade emocional e coragem para viver algo assim, porque seguramente vai nos tirar da “zona de conforto” e nos lançar ao desconhecido. O amor sob a ótica de Afrodite não é para os fracos!